

A INTEGRALIDADE DO PATRIMÔNIO E PERSPECTIVAS DA SUA PRESERVAÇÃO: O CASO DE SÃO JOSÉ DO NORTE, RS

ALESSANDRA BURIOL FARINHA¹; FABIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – alefarinha@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida na área de estudos interdisciplinares em memória e patrimônio (CNPq), tendo como objeto de pesquisa, a cidade de São José do Norte – RS, principalmente no período quando se realiza a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. É possível perceber na cidade, principalmente no período desta Festa, a integralidade do patrimônio, bens naturais, materiais e imateriais (VARINE, 2013) e sua interação, sendo assim possível observar significados diversos relacionados à memória cultural (ASSMANN, 2006) dos habitantes da península.

Desta forma, o principal objetivo deste trabalho é refletir acerca desta interação, a integralidade e as relações do patrimônio cultural local, além de propor alternativas para a preservação do legado cultural local. É possível justificar a relevância do estudo considerando que São José do Norte é, atualmente, uma das cidades que mais crescem no estado. Há investimentos em obras portuárias, aumento demográfico, transformações no território, criação de novas atividades, empregos, que estão gerando impactos na tradicional vila de pescadores e também na Festa de Navegantes. Neste caso, o “progresso” também pode ocasionar o desaparecimento de referências e a diluição das identidades (CANDAU, 2011, p. 10). Pensando nessa situação de vulnerabilidade com relação aos bens culturais, é importante, além de fazer o registro dos bens patrimoniais que ocorrem, propor alternativas que possibilitem sua preservação, neste caso, por exemplo, o turismo cultural como elemento de desenvolvimento e preservação do patrimônio local.

São José do Norte encontra-se há cerca de 372 quilômetros de Porto Alegre. Faz parte de uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos. A população é estimada em 25 mil habitantes (IBGE, 2010). A economia local ampara-se na pesca e na agricultura. Possui centro histórico formalmente reconhecido¹, composto por ruas e quarteirões irregulares, casas térreas e sobrados da época colonial com características da habitação urbana tradicional, importante parte da história do Rio Grande do Sul (IPHAE, 2004). É portanto, um local singular, tanto na perspectiva do patrimônio natural, uma península entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, com praias de águas doce e salgada, terra boa para diversas culturas, local de observação de aves migratórias, e outros. E também importante no contexto do patrimônio edificado, representado pelo centro histórico.

A principal ocupação do território foi feita por indígenas, descendentes de africanos, oriundos da Ilha da Madeira, refugiados de Colônia do Sacramento, portugueses do continente, e principalmente famílias do Arquipélago dos Açores².

¹ Portaria IPHAE 32/2004.

² A ocupação açoriana é hegemônica. Não houve outra imigração de outra etnia no local. O estabelecimento de portugueses legítimos na península seria uma maneira “segura” de ocupação, pois estes estariam a favor da coroa portuguesa (AMARAL, 1999. P. 270).

A primeira Festa de Navegantes foi realizada no ano de 1811, idealizada por trabalhadores do mar, operadores de embarcações denominadas catraias, responsáveis pelo transporte de carga e descarga de navios atracados, pescadores e famílias, dentre outros, os quais iniciaram neste ano um movimento de festividades religiosas em veneração à virgem dos Navegantes, para pedir a sua proteção e ao mesmo tempo agradecer pelo sustento que as águas propiciavam. A Festa de Navegantes permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 2 de fevereiro, estando em sua 206ª edição, sendo assim a mais antiga ainda ocorrendo no Brasil. Desde o ano de 2008 é considerada Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

O patrimônio cultural imaterial aflora da “vida” local, são referências herdadas dos antepassados, que estando vivas na comunidade fazem sentido para quem as legou. É a memória cultural, que foi transmitida por gerações, principalmente no núcleo familiar, que foram “selecionadas” como importantes e que merecem ser ensinadas para as gerações futuras (ASSMANN, 2006). Essas referências culturais (celebrações, saberes, danças, rituais, etc.), hoje passivas de registro pelo IPHAN como patrimônio cultural imaterial, não têm valor intrínseco, não valem por si mesmos. O valor lhes é atribuído por sujeitos particulares, que têm as suas identidades expressadas e ao mesmo tempo reafirmadas, valorizadas pelo bem imaterial, assim como sua paisagem, seu trabalho, seu *savoir faire*, crenças, hábitos, e outros costumes (LONDRES, 2000, p. 13).

A comemoração da Festa de Navegantes em São José do Norte, assim como a devoção a Virgem Maria relaciona-se diretamente com a vida, cotidiano, território, trabalho, subsistência ligada às águas, seja com a pesca ou como transporte, dentre outros aspectos sociais. A festa contribui assim para a constituição de diferentes significações dos espaços, do território, fazendo deles suportes de memória, lugares carregados de história, que atravessam a memória viva (CANDAU, 2011, p. 157). Pode-se afirmar que a Festa de Navegantes adquire singularidades relacionadas aos habitantes, à história do lugar onde acontece, se transformando, descartando ou incorporando elementos lúdicos e sujeitos sociais (PELEGRINI, 2011, p. 232).

Assim, pode-se afirmar que a preservação do patrimônio natural (recursos hídricos, solo, atmosfera), material (centro histórico, bens edificados) contribui para a preservação dos bens culturais imateriais, como a festa, a pesca, agricultura, artesanato, dentre outros. Uma possibilidade que pode contribuir para a preservação dos bens culturais, considerando suas peculiares características, é o turismo cultural. O turismo planejado, que de forma alguma exproprie a comunidade autóctone, “*povos do mar*” (CORIOLANO, 2006), mas seja um vetor de desenvolvimento do setor de prestação de serviços específicos do setor (hoteleira, gastronomia, comércio, e outros). O turismo cultural, motivado principalmente pelo interesse no patrimônio cultural local, pode fazer com que haja mais incentivos e se privilegie manter as atividades culturais, religiosas, passeios de barco, praia limpa, para que hospitalidade e lazer sejam satisfatórios e a cidade prospere também nesta área.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está se constituindo através de diversos momentos de investigação direta e indireta, a história (método histórico-científico e histórico-analítico) e a memória (documentos, depoimentos). O trabalho contempla uma dupla perspectiva combinada na análise: de forma complementar, a perspectiva histórica, que é do passado para o presente (a historicidade) e a perspectiva da

memória, dos significados atualizados, do presente para o passado. E que é nesta perspectiva que buscamos entender a rede de significações que permeiam e tecem a festividade e que adensam sua patrimonialidade, relacionando-a com a memória cultural, com diversas atividades e com a possibilidade de desenvolvimento regional através do turismo cultural.

Um dos principais métodos de pesquisa está sendo a história oral, em entrevista aberta com roteiro semi-estruturado, mas também estão sendo consideradas as oralidades, em momentos que não houver a possibilidade de registro documental, principalmente no momento dos rituais que envolvem a festa. A escolha desta metodologia baseou-se principalmente em POLLAK (1989), quando afirma que diferentes referências de nossa memória podem descrever indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, e em HALBWACHS (1990), que evoca o depoimento, afirmando que ele dá significado à memória coletiva, que somos o que lembramos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionadas bases teóricas para discorrer sobre o tema, para circunscrever o objeto e suas peculiaridades, tais como ASSMANN, 2006; MAUSS, 1924; CANDAU, 2011; POLLAK 1989; PELEGRINI, 2009, 2011; CORIOLANO, 2006, dentre outros. As referências nortearão os processos de análise do material coletado. Foram realizadas incursões de campo, coletados detalhes dos diferentes momentos que antecedem, durante e posteriores da Festa de Navegantes, com registro de imagens, vídeos e impressões de campo. Foram entrevistados 12 depoentes selecionados por se relacionarem direta ou indiretamente com festa.

Os resultados preliminares encontrados na análise do trabalho de campo demonstraram que a Festa de Navegantes advém de uma devoção herdada dos portugueses açorianos que se instalaram em São José do Norte em meados do século XVIII, tendo assimilado outras religiosidades e sujeitos sociais. Como um legado vivo, é constantemente incorporada de práticas e memórias, produzindo uma herança cultural que confere traços identitários e sentidos de pertença para as gerações futuras. A festa não apenas surgiu de um empenhamento das classes trabalhadoras, mas permanece sendo aclamada pelos populares, com intensa participação dos mesmos, caracterizando-a como um patrimônio cultural imaterial oriundo não de uma classe dominante, que por décadas contou com a patrimonialização de bens representativos do seu poder, mas das classes populares, ainda menos contempladas pelos registros oficiais do patrimônio nacional. Atualmente o trabalho está concentrado nas análises do material coletado em fevereiro e março do corrente ano.

4. CONCLUSÕES

As conclusões parciais obtidas através da análise do referencial teórico, do material coletado nas observações de campo, nas entrevistas formais e informais e na documentação histórica remetem à possibilidade de estabelecer na tese aspectos históricos da Festa de Navegantes, focando em aspectos materiais e imateriais da memória, capazes de auxiliar na compreensão do valor simbólico do fenômeno social, de sua força coerciva. A festa faz parte do cotidiano, do imaginário, da devoção, da história e memória cultural local integrando-se, portanto, na perspectiva de um importante patrimônio cultural imaterial luso-brasileiro, um fato social total (MAUSS, 1924), uma manifestação sociocultural

religiosa de mais de dois séculos de existência, a memória viva de gerações de nortenses, herdada principalmente da cultura portuguesa ligada ao catolicismo popular. A proposta de incentivo ao turismo cultural em São José do Norte pode suprir lacunas no que se refere ao desenvolvimento regional, além de valorizar os atrativos naturais, a história e tradições locais, neste caso, principalmente o catolicismo e a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Jan. **Religion and Cultural Memory**: ten studies. Califórnia: Stanford University Press, 2006.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CORIOLOANO, Luzia Neide. **Espaço, poder e exclusão**: Contexto econômico-social do Patrimônio Cultural do lugar turistificado. In: MARTINS, Clerton (org.). **Patrimônio Cultural: da Memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de La memoire**. Paris: Mouton, 1976.
- IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Senso demográfico de 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=43> Acesso em 10 jul 2015.
- IPHAÉ. Instituto do Patrimônio Histórico e artístico do estado. Bens Tombados. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=55700> Acesso em 10 jul 2015.
- LONDRES, Maria Cecilia. Manual de Aplicação. **Inventário Nacional de Referências Culturais** - INRC, Minc/IPHAN, 2000.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- PELEGRINI, Sandra C. A. A salvaguarda e a sustentabilidade do patrimônio imaterial brasileiro: impasses e jurisprudências. In: FUNARI, P.P, PELEGRINI, S. RAMBELL, G. (org.). **Patrimônio Cultural e Ambiental**: Questões legais e conceituais. São Paulo: Annablume, 2009.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo – Brasil). **Revista Patrimônio e Memória**, v. 07, n. 1, p. 231-256, 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/199>> Acesso em 11 dez 2014.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>> Acesso em 05 ago 2012.
- VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.